

CENTRO CULTURAL DE BELÉM
CONCERTO INAUGURAL
TEMPORADA 2007/08

13 DE SETEMBRO 2007 - QUINTA-FEIRA
GRANDE AUDITÓRIO - 21H00

ORQUESTRA DE CÂMARA
PORTUGUESA

DIRECÇÃO: PEDRO CARNEIRO
ENSAIADOR CONVIDADO CORDAS: ALEJANDRO ERLICH-OLIVA

PROGRAMA

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)
ABERTURA "DER SCHAUSPIELDIREKTOR", KV 486

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)

SINFONIA Nº6 EM DÓ MAIOR, D 589

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)
ABERTURA "DER SCHAUSPIELDIREKTOR", KV 486

INTERVALO

IGOR STRAVINSKI (1882-1971)
"PULCINELLA", SUITE DE BALLET

Duração: 1H30 c/intervalo
Preço único: 15 €

A Orquestra de Câmara Portuguesa apresenta-se, em estreia absoluta, na abertura da temporada de 2007/2008 do CCB, sob a direcção de Pedro Carneiro, um dos mais prestigiados músicos portugueses da actualidade.

Aclamado mundialmente, Pedro Carneiro assegura a direcção artística da novíssima Orquestra de Câmara Portuguesa, liderando um grupo de 36 virtuosos instrumentistas, dignos representantes da mais nova geração de talentos musicais.

O programa é sedutor: do classicismo e romantismo ao século XX, com o compromisso de reproduzir a energia do génio criador de Mozart, Schubert e Stravinski.

Para além da excelência nas suas actuações, a OCP pretende ainda fomentar a valorização dos seus músicos. Para dar corpo a esta ambição, a preparação dos concertos inclui, no mínimo, dez ensaios e a presença de um **ensaiador convidado**. Desta vez, conta com a experiência e a sabedoria do contrabaixista e professor Alejandro Erlich Oliva, primeiro contrabaixo solista da Orquestra Gulbenkian desde 1976 e membro fundador do Opus Ensemble.

Este concerto e esta temporada de 2007/2008 marcam o início da associação da Orquestra de Câmara Portuguesa ao Centro Cultural de Belém, ao qual fica ligado como **Orquestra Associada**.

Pedro Carneiro é também o primeiro Artista Associado do CCB:

Pela primeira vez, o Centro Cultural de Belém vai ter um Artista Associado. A iniciativa prolonga-se ao longo da temporada de 2007/2008 e consiste na participação de um artista convidado em vários espectáculos da temporada.

Pedro Carneiro é o primeiro Artista Associado do CCB. Marimbista, o músico é um dos raros percussionistas a dedicar-se exclusivamente à carreira de solista, e um dos intérpretes portugueses com maior projecção internacional. A sua participação arranca já no dia 13 de Setembro, no Grande Auditório do CCB, com um concerto que marca não só o início da temporada de 2007/2008, como conta ainda com a estreia da nova Orquestra de Câmara Portuguesa, da qual Pedro Carneiro é fundador e onde exerce as funções de director artístico e maestro titular. Mais tarde, a 27 de Outubro, o intérprete apresenta-se com o Arditti Quartet no Pequeno Auditório.

A colaboração de Pedro Carneiro prolonga-se ao longo do próximo ano, com a participação nos Dias da Música em Belém 2008 e a intervenção, em Julho, no evento Música Portuguesa, Hoje. Para além disso, será concedido ao músico carta-branca para a criação de um espectáculo da nova temporada.

A iniciativa Artista Associado do CCB promete continuar. Depois da música em 2007/2008, em futuras temporadas serão convidados artistas de outras áreas.

Para obter imagens e informação adicional sobre Pedro Carneiro ou sobre a Orquestra de Câmara Portuguesa, aceda aos sites:

www.pedrocarneiro.com ; www.orquestradecamaraportuguesa.pt

Entrevista com Pedro Carneiro

Por Ana Dias Ferreira - Junho de 2007

Um dos mais prestigiados músicos portugueses da actualidade, Pedro Carneiro é um dos raros instrumentistas de percussão a dedicar-se por completo à carreira de solista. Para além de percussionista brilhante, ocupa agora as funções de maestro titular e director artístico da nova Orquestra de Câmara Portuguesa.

Falámos na Sala SEGA, local de ensaios do Centro Cultural de Belém onde Pedro Carneiro, José Augusto Carneiro e Alexandre Dias (fundadores da OCP, em conjunto com Teresa Simas) conduziram as audições dos instrumentistas. A entrevista teve lugar ao final do dia, minutos depois dos últimos acordes da primeira fase de selecção de músicos. O entusiasmo pelo projecto era perceptível. Pedro Carneiro e Alexandre Dias, que se juntou à entrevista, não o esconderam.

É conhecido sobretudo como intérprete - percussionista solista - e também como compositor. Acha que vai causar surpresa o facto de ir assumir o papel de maestro titular e director artístico da Orquestra de Câmara Portuguesa?

Sinceramente, não pensei nisso. Não é algo com que esteja muito “preocupado”. Neste momento todo o meu interesse está em canalizar as energias para fazer estes dois períodos de selecção de músicos, que estão a ser uma oportunidade excelente para ouvir o trabalho de pessoas que não conhecia.

De facto, sou conhecido mais como intérprete - mais de noventa por cento do meu trabalho é feito como intérprete. Mas a especialização que se tem feito na generalidade das profissões ao longo dos séculos XX e XXI é algo que não era tão normal há alguns séculos. Os músicos tinham um contacto muito mais manual e artesanal com a música, o que é algo que sinto que é importante para a minha formação - que é feita continuamente - e para a minha aprendizagem: lidar com a música da forma mais completa possível. Seja ela através da experiência da escrita ou da composição, o que significa que tentamos apreender o processo de criação de um compositor, o que, por sua vez, ajuda à interpretação; [seja na] interpretação em si, que é um desafio permanente connosco próprios, de conseguirmos entrar em palco e reproduzir, criar. Aliás, não é criar. Como dizia o [maestro] Celibidache, não se pode criar música, a música já existe. O que nós fazemos é criar as condições para que ela possa existir.

O lado da direcção de orquestra é algo que tenho vindo a estudar há imensos anos e faço cada vez mais. O motivo pelo qual possa ser uma surpresa é que tem sido algo que tem sido muito gradual.

Muito gradual porquê?

Porque a responsabilidade que um músico tem, quando está em frente a 30, 40, 50 outros músicos, não pode ser feita de ânimo leve. Se tem uma orquestra de 70 músicos à sua frente, são 70 maestros. Cada um tem a sua opinião, são 70 instrumentistas capazes, competentes, criativos e que têm a sua própria visão da música. Não é muito inteligente saltar-se para essa função de forma “leviana”. Portanto, é algo que tenho vindo a fazer gradualmente nos últimos dez anos, e onde já me sinto confortável. Pode ser um passo na continuação da minha aprendizagem musical.

Como o Pedro também é intérprete, ao dirigir uma orquestra tem um conhecimento do que é estar daquele lado. Isso é uma ajuda, atrapalha? Revela-se de alguma forma?

Talvez seja deformação profissional, mas acho que é importantíssimo - arrisco e digo mesmo que é essencial - um chefe de orquestra tocar um instrumento numa forma fluente. Não quer dizer que tenha que ser um concertista, um virtuoso, mas há um lado físico de tocar um instrumento. Tentar tocar uma passagem num violino que é desconfortável, tentar tirar uma nota aguda num trompete, num fagote; o lado de fazer uma palheta para um oboé ou escolher uma palheta de clarinete com a qual vai tocar a 4.^a ou a 6.^a [Sinfonia] de Beethoven. Esse é um lado que não se pode comprar, é uma aprendizagem que não se pode ler num livro, é vivida, sentida. Há um motivo pelo qual grandes chefes de orquestra foram músicos de orquestra durante alguns anos, aprende-se muito ali naquela cadeira, aprende-se muito em palco, aprende-se muito a fazer música de câmara. Para mim é cada vez mais importante esse lado - fazer música com pessoas. Esse é o motivo pelo qual este projecto nasceu, por eu me ter dado conta de que neste momento existem, em Portugal, as condições humanas para se poder criar uma orquestra de jovens entre os 18 e os 35 anos com um nível extraordinário.

Este é um projecto que está a nascer e a crescer agora, e do qual ainda sabemos muito pouco. O que é a Orquestra de Câmara Portuguesa?

Em termos simplificados é um fórum onde jovens instrumentistas de orquestra, jovens chefes de orquestra e jovens concertistas vão ter uma oportunidade real de poder exercer, num país onde há um buraco profundo entre as orquestras das escolas e as orquestras profissionais. Há um vazio autêntico. Nós não exportamos chefes de orquestra e exportamos pouquíssimos concertistas e músicos de orquestra. Inglaterra, por exemplo, ou mesmo a Finlândia exporta toneladas de maestros! Sem ir ao caricato, os finlandeses não são geneticamente mais talentosos que os portugueses, mas o facto é que na Finlândia é possível a um jovem chefe de orquestra exercer numa orquestra regional ou de uma cidade secundária da Finlândia. Essas orquestras têm actividade regular e têm um nível que permite a alguém em início de carreira - nas idades que considero mais difíceis, entre a frequência do ensino superior e os 30, 35 anos - afirmar o seu valor. Não se pode afirmar esse valor, como acontece em Portugal, tocando como concertista numa orquestra uma vez, como uma espécie de prémio de consolação.

Sem continuidade.

Isso é impossível! Um chefe de orquestra que dirige dois concertos por ano não tem sistema nervoso para se poder apresentar em frente a uma orquestra profissional. Uma pessoa que tocou o 2.^o *Concerto de Chopin* duas vezes... tocou duas vezes! Na minha experiência como instrumentista sei perfeitamente que para me sentir confortável com uma obra de música tenho de a tocar centenas de vezes. Há obras que toco há quase 20 anos que estou a descobrir agora. É preciso regularidade para um trabalho que é feito durante toda uma vida. É basicamente isto que nos propomos. Ao dar-mos conta de que neste momento há jovens com 18, 20, 22 anos que já são músicos, jovens mas maduros, virtuosos, que apresentam um trabalho sério e que podiam integrar qualquer uma das nossas orquestras na primeira estante e fazer um trabalho notável, ao dar-mos conta disto propomo-nos agarrar essas pessoas.

Alexandre Dias - Há pouco estávamos a conversar e surgiu uma expressão muito interessante: "Captar a energia primordial da orquestra." Temos estado a ouvir músicos [nas audições] que têm essa energia primordial. É muito cliché falar no diamante mas são músicos que só precisam de ser moldados ou, mais bem dito, de ter a oportunidade de evoluir.

Já teve algum *feedback* dos jovens músicos em relação ao aparecimento da orquestra?

Para já, temos umas 200 candidaturas às audições...

Alexandre Dias - Percebemos que ficam contentes que haja um projecto assim, mas não temos tido tempo para conversar, só os temos ouvido tocar. Os candidatos têm vindo de todo o lado: Algarve, Porto, Aveiro, Holanda, Inglaterra... já chegou aos Estados Unidos.

Quando vocês próprios classificam este projecto de ambicioso, como o fazem no *site* [da OCP], eu pergunto: porquê ambicioso?

Primeiro porque é difícil, depois porque existe um negativismo, como que uma nuvem negra por cima de Portugal. Sabemos que é ambicioso porque estamos a tentar construir algo com um lado positivo. Queremos fazer algo com elevada qualidade mas que mantenha, ao longo do tempo, a energia com que começou. E isso é qualquer coisa que tem de ser feito todos os dias. Um violoncelista da Orquestra Filarmónica de Viena dizia que fazer uma grande orquestra é fácil: é só ter dinheiro, juntar músicos bons, basta um concerto e a orquestra é boa. O difícil é ter uma orquestra boa como a Filarmónica de Viena durante cem anos. Essa também é uma dificuldade, fazer um projecto que não dure apenas dois ou três concertos, ter um nível que vá sempre crescendo, de uma forma progressiva. Queremos, depois, exportar este talento, levar esta orquestra a vários pontos do mundo e mostrar o trabalho destes jovens instrumentistas.

Qual é a situação ideal que imagina para um músico que ingresse nesta orquestra? Como gostaria que fosse o seu percurso?

O importante para um músico que se vá juntar a nós é que esta orquestra seja uma ferramenta com que possa crescer para depois continuar o seu trabalho noutra lugar daqui a uns anos. Este projecto vai ter sucesso a partir do momento em que as pessoas sintam que cada semana de ensaio e cada concerto foi um passo na escada.

Alexandre Dias - Se calhar mais importante do que o percurso que cada candidato teve até aqui é o percurso que ele quer ter daqui para a frente.

Ao dizer que eles podem continuar o seu trabalho noutra lugar, está a apontar para a ideia de que a orquestra é uma rampa de lançamento. É essa a filosofia?

Acaba por ser, porque a partir do momento em que podem ganhar experiência, rodagem e confiança para poderem tocar, seria bom que, dentro destes 36 músicos, alguns comessem a fazer música de câmara entre si e a querer fazer outros voos, com outras exigências. A partir do momento em que o nível deles subir é natural que queiram, eventualmente, fazer outra coisa. E seria perfeito se daqui a cinco ou seis anos alguns destes músicos saíssem para tocar numa orquestra de grande prestígio. Esse seria um sinal claríssimo de que se concretizou uma das premissas essenciais do nosso projecto.

Uma das facetas da OCP é a participação de um ensaiador convidado. Qual é o papel deste ensaiador?

Queremos ter no mínimo dez ensaios para cada projecto onde vai estar sempre um ensaiador convidado. Cada dia de ensaios é feito em duas partes: os ensaios de naípe; e o ensaio *tutti*. Esse trabalho é acompanhado sempre por um especialista, um músico de cordas, de sopros, cujo papel é poder partilhar a sua experiência. Um músico que tocou a *Sinfonia n.º 35* de Mozart quatrocentas vezes numa orquestra pode transmitir a sua experiência a um jovem de 18 anos que está na terceira estante de violinos e que a está a tocar pela primeira vez, não só ao nível de explicar quais serão as arcadas melhores para uma passagem ou a melhor

dedilhação ou fraseado, mas a própria matéria que faz a música - a experiência pessoal. Uma história de quando tocou aquele concerto, ou de outra de uma peça que tocou vinte vezes quando andou em *tournee* no Japão, em que teve de assinar autógrafos nas *T-shirts* dos fãs japoneses... Toda esta experiência não se pode comprar num livro ou num disco, não se pode aprender em dois ensaios.

Alexandre Dias - O ensaiador é uma pessoa que vai abrir outros horizontes, novos horizontes...

Serão pessoas ligadas a especialidades diferentes?

Sim, claro. Por exemplo, convidámos a Anabela Chaves, um dos músicos da nossa Comissão de Honra, que aceitou ser uma das próximas ensaiadoras; temos outros músicos como o Christian Lindberg [virtuoso do trombone] que já se disponibilizou para vir ensaiar e fazer até mesmo um concerto com a orquestra. O interesse é ter tempo para trabalhar com estes músicos, que são músicos que passam por Lisboa, por Portugal.

Qual vai ser o repertório da orquestra?

Desde os clássicos de Viena até aos nossos dias. A música dos séculos XX e XXI está incluída - sem qualquer especialização, não é esse o objectivo - porque é uma música que já faz parte do nosso código genético e é preciso tocá-la. Para além disso, é mais uma ferramenta para qualquer músico.

Estão previstas gravações pela orquestra?

Esse foi um dos objectivos primários deste projecto.

Alexandre Dias - No fundo, a nossa parceria com a Antena 2 e a RTP assenta na gravação de todos os concertos que tenham interesse em registar.

Pedro Carneiro - No futuro, pensamos fazer também uma etiqueta da própria orquestra, que seja constituída apenas por gravações ao vivo. Isso serve dois objectivos: um deles é tentar transmitir a tal energia primordial de que falámos aqui, a adrenalina de um concerto ao vivo, sem *make up*; o segundo objectivo é pedagógico, é a orquestra saber que está a tocar para um projecto que vai ser gravado. Nesta situação, o tipo de exigência é diferente.

Para o concerto inaugural escolheu um programa que se inicia com a abertura da *Der Schauspieldirektor*, a ópera escrita por Mozart que parodia um empresário teatral a formar uma companhia. Houve aqui uma brincadeira?

Fiz este programa em parceria e com aconselhamento de um dos membros da Comissão de Honra, o maestro Emilio Pomàrico. Foi muito difícil desenhar este primeiro programa, ainda por cima é a abertura da temporada do CCB. Por um lado, o objectivo essencial foi o de dar uma dieta à orquestra, dizer o que é que vamos tocar. Isso foi o mais importante. Em termos puramente musicais penso que é um programa exigentíssimo, difícil, mas que ao mesmo tempo, se conseguirmos progredir musicalmente, vai ajudar à construção do nível da orquestra e ajudar à união entre os 36 instrumentistas. A quem quiser encontrar esse lado subliminar, esse jogo, também o pode encontrar, porque certamente ele também lá estará.

Em relação ao restante programa quis então criar essa dieta para a orquestra?

É um repertório difícil. Para já, pensar em Mozart e em Schubert é tentar encontrar uma transparência na textura e um equilíbrio difícil para uma orquestra que nunca tocou. A orquestra vai ter de encontrar esse equilíbrio entre as cordas e os sopros, numa música onde é sempre difícil conseguir a precisão, a afinação, a coesão entre os naipes, entre o fraseado, a dinâmica, os *tempi*. É música, toda ela, um pouco como um relógio suíço, que vai ter de encaixar. Depois temos também a tarefa de tocar uma versão da *Pulcinella*, que é uma obra, também ela, cheia destes detalhes difíceis de programar. Todo o programa do concerto requer uma orquestra ágil, muito precisa e muito bem ensaiada. Portanto, é mais outro lado ambicioso do que nos propomos fazer.

É o que se chama começar com a fasquia alta.

Mas não é utópico. Estamos aqui desde segunda-feira [nas audições] e já começamos a ouvir como a orquestra vai soar. É sempre um prazer ouvir tocar música, mas o que é um facto é que o nível tem sido realmente alto.